

ENSINO INOVADOR EM MEIO A UMA EDUCAÇÃO TRADICIONAL: DESAFIOS DA INICIAÇÃO Á DOCÊNCIA

Joara Alves da silva; Giselle Matias de sousa; Milena Maria de Luna Francisco;
Valdelucia Feliciano de Carvalho; Márcia Adelino da silva Dias

Universidade Estadual da Paraíba

Joaracg2008@gmail.com

A educação brasileira há alguns anos vem tentando implantar um ensino inovador e eficaz, que possibilite o docente ter uma formação continuada e perspicaz com objetivo de contribuir com a economia e desenvolvimento do país. Nas instituições de ensino superior há uma disseminação entre os docentes participantes do processo de graduação dos licenciando, das teorias de educação libertadora, reflexiva, contextualizada; contribuindo para formação de profissionais mais qualificados, a fim de se obter professores de excelência comprometidos com a educação das crianças, adultos adolescentes do nosso país.

A proposta da erradicação do analfabetismo é uma das iniciativas de melhorar a educação do país, porém esta melhoria tanto citada tem por trás vários interesses econômicos, políticos e quase nenhum social. O mesmo ocorre com a educação de jovens e adultos (EJA) que tem como finalidade atender pessoas que não cursaram o nível fundamental e médio de escolaridade na idade própria, visando oferecer aprendizagem e qualificação permanentes, favorecendo a emancipação dos alunos, porém nos deparamos com uma fábrica de certificados de conclusão de escolaridade e ensino precário.

Em meio a um cenário de democracia, liberdade de expressão será que o Brasil ainda tem como propósito apenas capacitar cidadãos aptos a “votar”? Esta perspectiva pode ser um ponto chave para diversos problemas da educação, além da má distribuição de verbas, desvalorização dos profissionais da área e a falta de formação continuada para os mesmos.

A escola assim como quem a forma tornasse indispensável neste contexto de educação e liberdade. Para Freire (2001), o papel formativo da escola é destacado também por que ressalta a importância dos conteúdos na formação crítica dos educandos. A articulação entre conteúdos escolares e realidade dos discentes, considerando os conflitos sociais, permite que os alunos e alunas se percebam como



agentes capazes de agir e transformar a realidade. Assim como uma boa formação acadêmica para os docentes de licenciatura, que possibilite eles atuarem com eficiência quando estiverem em campo.

Programas de iniciação á docência como o programa de bolsas de iniciação á docência (PIBID), estágios como componentes curriculares obrigatórios dentro dos cursos de licenciaturas, programas de extensões que envolvam a prática docente proporcionam uma formação eficiente ao docente e auxilia na sua autonomia enquanto profissional, porém existem objeções que podem ocasionar o desânimo no início da docência ou até mesmo a desistência. O ensino inovador ou ensino contextualizado e interdisciplinar tem como foco um ensino-aprendizado que atenda as expectativas dos estudantes do nível fundamental e médio e as demandas a sociedade contemporânea.

Nos últimos anos a formação dos docentes mesmo ainda carente está sendo cuidadosa com respeito à importância de aulas mais contextualizadas e interdisciplinares e com atividades e métodos mais dinâmicos, sendo cobrado estas atitudes profissionais desde o início do estágios, sendo item de avaliação no componente. Porém, e qual realidade o docente recém-formado, dos estagiários e participantes de programas de iniciação docente encontra nas escolas? Será que está realidade interfere na construção e prática metodológica do professor?

Os docentes que estão em sala de aula há algum tempo acabam se contaminando com o desamino, sobrecarga de trabalho, desvalorização profissional e baixa remuneração. Muitas vezes não desistem da carreira por estarem a muito tempo exercendo a profissão ou por não ter menor estímulo para fazer outra graduação, mais atuam de forma negativa tanto no incentivo da carreira docente para seus filhos quanto para seus alunos. Quando um licenciando chega para estagiar é recepcionado com discursos de que nada vai mudar a situação da educação brasileira, que os estudantes não querem nada, que a violência está invadindo a escola e o professor esta refém da mesma e que não tem retorno financeiro.

Os licenciandos e recém-licenciados sofrem violências moral, lidando com preconceito por parte do professor efetivo, dos funcionários e gestores, que os menosprezam e ignoram sua ação e presença na escola como peça fundamental para sua sobrevivência ou ao menos como peça fundamental para manter futuro da escola e de sua qualidade de ensino.

Quando os professores em iniciação de pratica a docência chegam à escola encontra desafios com a aceitação dos estudantes e sua juventude faz com que os pais o enxerguem como menos preparados ou sem experiência e incapazes de ensinar com mesma qualidade que os profissionais com experiência. como evidencia Boaventura de Sousa Santos (2002), ao discutir os modos dominantes de criação do “outro” como inferior, aprofundando e legitimando a inferioridade do “descoberto”. Essa desigualdade



entre os diferentes, que desqualifica a diversidade, se faz presente nas escolas, como vimos, mas também os seus outros, as identidades culturais reconstruídas e validadas em modos alternativos de formação e de comportamento cultural, descobertos e criados pelos excluídos, para se incluir.

O famoso controle de turma é uma barreira que impacta negativamente na iniciação a docências, pois estes profissionais são expostos à situação extrema de abusos e falta de respeito dos estudantes e quando reclamam a direção ou pede ajuda aos funcionários da disciplina são recebidos com olhares e palavras ríspidas, levando ao desestímulo pela área de educação devido à sensação de impotência e desvalorização.

A elaboração do plano de aula não é tão difícil quanto por em prática, em meios que o professor deve ter mil estratégias para os mais improváveis acontecimentos. O docente ao preparar uma aula interativa ou que utilize materiais e métodos não tradicionais enfrenta primeiramente a discriminação que não quer trabalhar ou que aquilo não leva ao aprendizado. Dependendo da estratégia didática o ambiente físico pode atrapalhar como falta de energia na hora do uso de um equipamento de mídia, ou encontrar o equipamento trancado para ser usado em ocasiões “especiais” como reuniões de pais e professores. Reclamações devido o barulho produtivo ocasionado pela empolgação de algumas atividades como jogos, dinâmicas entre outras que são confundidos com baderna. Ocasionalmente medo e desestímulo do docente em continuar com a diversificação de metodologias de ensino e caindo na prática de aulas monótonas e que fogem da realidade dos estudantes.

O ambiente físico de trabalho do professor na rede pública é diferente do ambiente da rede privada. Na rede privada tem uma infraestrutura melhor que na maioria das escolas da rede pública com mais laboratórios, salas com menor quantidade de estudantes e equipamentos de mídias entre outros. Porém a valorização do professor pode ser ainda mais precária quando o capitalismo entra na relação escola e pais e o professor oferece um produto e o estudante se torna um cliente, a as relações passa de educação para investimento. Então o professor assume o papel de vendedor do conhecimento e se ele não vende de forma que agrade seu cliente pode ser facilmente substituído, o que transmite a sensação de medo e insegurança devido à estabilidade do seu emprego e a falta de autonomia a qual é exposto. Temos que considerar, com Alves (2002), que a formação se dá, também, no espaço das “culturas vividas, entre as quais referências especiais devem ser feitas às práticas políticas coletivas” (p. 18). A autora afirma que

(...) a formação de professoras necessita ser compreendida segundo múltiplos contextos: a) o da formação acadêmica (...); b) o das propostas oficiais (...); c) o das práticas pedagógicas cotidianas (...); d) o das culturas vividas (...); e) o das pesquisas em educação (...) (ALVES, 2002, p. 18).



Para alcançarmos uma mudança de perspectiva temos que diferenciar o modelo e a realidade das iniciações a docência dos nossos licenciandos e licenciados tem encontrado encarrando de frente os problemas visando uma valorização do profissional docente e também valorizar a formação de excelência destes graduandos. O licenciando ao chegar para estagiar na escola ele não pode ser visto como incomodo e sim como uma ferramenta de mudança, de transformação e esperança. Pois um professor bom não será aquele que é amargurado devido pouco valor que é dado, muito menos aqueles que continuaram na área por falta de opção, mas será aquele encontrou barreiras em seus caminhos e teve coragem de continuar, porém não podemos fechar os olhos para situações que poderiam ser evitadas para contribuir com um estímulo ao ingresso na carreira docente e sua permanência, executando o papel de formador e sendo formado ao longo de sua atuação.

Referencias bibliográficas

ALVES, Nilda. A experiência da diversidade no cotidiano e suas conseqüências na formação de professoras. VICTORIO FILHO, Aldo; MONTEIRO, Solange. (Orgs.) **Cultura e Conhecimento de Professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, pp. 13-30.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma pedagogia do conflito In: SILVA, Luiz Heron; AZEVEDO, José Clóvis de; SANTOS, Edmilson Santos dos. **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Sulina, 1996a, p. 15-33.

